

Um Necessário Resgate

Geraldo José Marques Pereira

COLABORADORES

GERALDO JOSÉ MARQUES PEREIRA

Professor do Departamento de Medicina Tropical e Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco.

CÉSAR LEAL

Professor adjunto de Teoria da Literatura, poeta e crítico de poesia, autor dos livros *Constelações*, *Tambor Cósmico*, *Os Cavaleiros de Júpiter*, *Alturas*, entre outros.

MARCIONILO LINS

Professor Titular de Bioquímica, Doutor em Medicina, ex-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, detentor de várias condecorações.

PAULO MACIEL

Professor Titular de Economia Política, ex-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, economista, escritor, membro da Academia Pernambucana de Letras.

GÉORGE BROWNE RÊGO

Coordenador do Mestrado em Filosofia, Doutor em Filosofia de Educação pela Universidade de Tulane, ex-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco.

IVON FITTIPALDI

Professor Titular de Física, Doutor em Física, ex-Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco.

ÉFREM DE AGUIAR MARANHÃO

Professor Adjunto de Cardiologia, ex-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, atual Presidente da Comissão de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação.

JOSÉ LUIZ DELGADO

Professor Adjunto de Introdução ao Direito, ex-Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco.

JOSÉ LUIZ BARREIRA FILHO

Professor Adjunto de Energia Nuclear, ex-Diretor do Centro de Tecnologia e ex-Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Coordenador do Centro Regional de Ciências Nucleares.

JARBAS MACIEL

Professor Adjunto de Filosofia das Ciências do Departamento de Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

SALOMÃO KELNER

Professor Titular de Cirurgia, Chefe do Departamento de Cirurgia Experimental e Membro da Sociedade Pernambucana de Medicina.

A universidade, que se ergue sobre os tres pilares convencionais - o ensino, a pesquisa e a extensão -, é sobretudo a guardiã da ciência, da cultura e das artes, sem que assim esteja monopolizando os saberes, haja vista o reconhecimento, mais do que necessário, de uma larga intelectualidade fora da instituição acadêmica. Prova disso está nos inúmeros mestres sem cátedra, que pontificam na sociedade, especialmente nas áreas culturais e artísticas, mas também na seara das ciências. Ou prova disso está na cultura popular, que o povo mantém e deve servir à comunidade universitária, como aprendizado e como fonte de pesquisa das tradições regionais. Esse intercâmbio, então, da academia, que sistematiza o saber e a sociedade em geral, só pode trazer benefícios a ambos os lados, numa relação, biunívoca, sempre, de resultados positivos. Vive-se, entretanto, um tempo diferente, de globalização da economia e de extremo desenvolvimento da técnica. Nunca se teve, na história toda da humanidade, tantos avanços, em espaço tão pequeno de anos! Assim, há um risco evidente para as humanidades e para a humanização da criatura e à universidade cabe, então, preservar esses princípios, essas bases, enfim, de cujos alicerces nasceram os clássicos da literatura e as grandes obras dos pintores famosos. Dessa forma, é preciso perseguir o desenvolvimento, atualizando o conhecimento, mais e mais, da técnica e da ciência, sem descuidar do humanismo! Do humanismo, que deve ser o catalisador maior, na solidez da formação de jovens que emergem para a vida.

É o que se vem fazendo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), nesse tempo do hoje! Os laboratórios científicos estão sendo equipados na perspectiva da modernidade, passando a dispor de equipamentos de última geração, de computadores e de processadores, que deixam a UFPE em situação de igualdade com as mais avançadas instituições do País, quicá do mundo. A educação à distância, adotada em vários recantos do

globo, como forma moderna e de baixo custo para a transferência do conhecimento, vem se consolidando e hoje a Universidade está ligada aos grandes centros de pesquisa e às bibliotecas de maior porte, permitindo a troca de informações e a parceria científica. As iniciativas, entretanto, no campo da cultura e das artes, somam-se a tudo isso. Por certo que trazem a completude da administração acadêmica! Dessa maneira, a Editora Universitária vem servindo à comunidade, publicando títulos de autores da instituição e de outros, da intelectualidade local, assim como o Núcleo de Rádio e Televisão, de onde são veiculados programas produzidos em Pernambuco e no Nordeste, priorizando o regional, sobretudo. Nomes das letras, da poesia e da prosa, preenchem os espaços reservados ao culto dos grandes, como nas homenagens a Castro Alves, que no Recife estudou ou a Joaquim Cardozo. A exposição dos estudos e das obras de Murillo LaGreca, também, firmou e confirmou a devoção ao inspirado artista. O Instituto de Arte Contemporânea (IAC), de outra parte, vem institucionalizando o compromisso da academia com expressão artística.

Agora, vem à luz a revista *Estudos Universitários*, que circula desde 1962, criada, como foi, pelo reitor João Alfredo e o mais que humanista Paulo Freire, mas que passou alguns anos em recesso, por diversas razões, alheias, todas, às administrações anteriores, resultantes, apenas, das dificuldades com que se defronta o setor público no Brasil. Periódico de grande prestígio naquela década, quando lançou a chamada "Geração 65", de poetas emergentes, de gente que na flor da idade, com 20 a 25 anos, começava a interpretar a voz do interior, promovendo a metamorfose da palavra. Marcus Accioly e Ângelo Monteiro surgiram assim, nas páginas da revista, como José Carlos Targino e Janice Japiassu ou como Tereza Tenório e Domingos Alexandre, além de Jaci Bezerra. Do mesmo jeito, José Mário Rodrigues, Fernando Monteiro e José Rodrigues de Paiva, português de Coimbra, este. Muitos ensaios, porém, ocuparam esses espaços do humanismo e levaram o pensamento de Pernambuco à imensidão da pátria, vencendo, tantas vezes, as barreiras do além mar, tornando-se leitura obrigatória noutros centros e noutras universidades. Serviu à intelectualidade do Estado e da Região, para apresentar o saber desse rincão nas distâncias sulinas e até planaltinas, mostrando a grandeza da

criação literária e a enormidade cultural da gente pernambucana ou pernambucanizada. Contou com Luiz Delgado e com Gilberto Osório de Andrade, com Nilo Pereira e com Aluísio Bezerra Coutinho, exportando a genialidade local nessa perpetuidade do texto. Renasce, então, em boa hora, para retomar o lugar e resgatar o papel e há de assumir nova feição, doravante, para marcar, assim, o retorno, com o sucesso que se pode antever!

A administração cuidou em fazer as indicações todas que o momento requeria, convidando expressivos nomes da academia para integrarem a plêiade de notáveis que assinam e assumem a responsabilidade editorial. Selecionou, dentre todos que fazem a Casa e são, na verdade, talentosos representantes da sociedade organizada, a gente, também, comprometida com as chamadas interfaces dos saberes. Sim, porque mesmo o cientista, que no laboratório pode aferir as reações aplicando a Matemática, não deve desprezar essa multidisciplinaridade e até essa interdisciplinaridade, que na universidade caracteriza a pluralidade acadêmica. Teve dificuldades, tal o número de professores e de pesquisadores assim comprometidos, mas, finalmente, optou pelos atuais integrantes, deixando-lhes nos ombros o mister maior de responderem pela cultura e pelo saber local. Representam o todo, pois! E dessa maneira ou nessa representação, optaram por lançar, agora, um exemplar, significativamente, voltado para a Universidade, exemplar, significativamente, voltado para a Universidade, propriamente, buscando nas lideranças que gerenciaram a instituição noutros períodos, a experiência e a vivência. E se fazem história dessa maneira, sobretudo transferem um saber a propósito do tempo vivido, permitindo aos do hoje um aprendizado diferenciado. Estimularam-se, para tanto, no cinquentenário da Universidade Federal de Pernambuco, nascida do desejo de muitos, mas capitaneada pela inteligência e o talento de seu primeiro Reitor, o empreendedor maior: o Prof. Joaquim Amazonas.

A revista *Estudos Universitários* vai continuar a sua trajetória e há de assumir, outra vez, a liderança cultural do Estado e da Região, apresentando os novos e resgatando os antigos. A universidade é assim, à medida em que expõe os jovens, na largueza das ciências, da cultura e das artes, os está ficando sobre os pilares de todos os passados, igualmente, largos e amplos, dos quais emergiram os saberes e as tradições. Os que foram convidados para

conduzirem os destinos da revista, fizeram, já, as opções do porvir, delineando as diretrizes dos próximos números, recomendando a coerência das publicações, o que trará, certamente, uma diferenciação, necessária e desejada, sobretudo porque sintonizada com o tempo. Há de se ter, pois, as linhas do pensamento assim diversificadas, mas singularizadas em números temáticos. O Diretor da revista - o Prof. George Browne do Rego - é um Reitor, também, mas tem sido, especialmente, um pensador, no mister que abraçou, o de professor de Filosofia. O Diretor Associado - o Prof. Jarbas Maciel -, faz da cultura, da ciência e das artes, um todo de seu espírito e o Editor - o Prof. César Leal -, poeta e prosador, crítico literário reconhecido em todo canto, assume, em realidade, o seu lugar de outrora, pois que assim, na qualidade de Editor, também, dirigiu, por anos, o periódico. Nessas páginas e nesses espaços, a Universidade Federal de Pernambuco há de acolher a produção local, dos professores, principalmente, mas dos intelectuais todos, que no exercício da criação se apresentarem. De braços abertos, então, nessa perspectiva de futuros, chega *Estudos Universitários*, na pretensão da perpetuidade, também.

Há de se destacar, por fim, por dever de justiça, então, o interesse com que vem acompanhando todo esse processo de resgate, o Magnífico Reitor, o Prof. Mozart Neves Ramos, que sendo um pesquisador das coisas da ciência, da Química, especificamente, não descuida do humanismo. Tem sido assim nas iniciativas todas que visam atender aos anseios da cultura e das artes, desfraldando a bandeira, muitas vezes ou seguindo, atentamente, os passos dos colaboradores. Foi do Magnífico Reitor a idéia de restaurar a casa-grande do antigo Engenho do Meio, em cujo terreno ergue-se a Universidade Federal de Pernambuco, hoje, cuja materialização é desejada por todos. E têm sido do Prof. Mozart Neves Ramos outras tantas idéias! Em *Estudos Unversitários*, particularmente, seguiu, de perto, o evoluir dos chamados contactos acadêmicos, opinando, sempre, na perspectiva do melhor. Encheu-se de entusiasmo, quando soube da disponibilidade de um grande nas artes, o pintor João Câmara, que assina a capa, dando beleza à publicação, mas, sobretudo, dando à revista as cores do regional ou os traços de mantenedora das tradições e das antecipações de Pernambuco, que precisa continuar imortal, para honrar os versos de Oscar Brandão.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: A voz espiritual da comunidade acadêmica

César Leal

Após uma interrupção de mais de uma década, retorna à circulação a revista *Estudos Universitários*. Quando foi criada em meados dos anos 60, sua missão era estimular, promover e difundir o pensamento científico, artístico, filosófico e tecnológico dos professores e pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco. Seu retorno, quando comemoramos os 50 anos de fundação da Universidade, constitui um acontecimento altamente significativo para a revigoração cultural de nossa vida acadêmica. Não cabe dúvida de que *Estudos Universitários* terá um papel a desempenhar nas mudanças temporais que se avizinham: o fim do século 20 e o início do terceiro milênio. É todo um vasto mundo, com uma perspectiva de incalculável alcance, que se apresenta diante de todos, com problemas novos e complexos, alguns ainda como herança do século que termina. Outros, surgem como desafios crescentes do milênio que se inicia.

Quando relemos o primeiro número de *Estudos Unversitários*, verifica-se quanto eram atuais, na perspectiva da época, os temas tratados por seus colaboradores. Tal número correspondia a janeiro-março de 1966. Era uma fase conturbadíssima, da vida política, econômica e social da América Latina. O número se abria com um ensaio de Gilberto Freyre, cujo objetivo era dar resposta a duas complexas interrogações por ele próprio formuladas: a) Que é na verdade, em suas relações com as outras partes do mundo, a América de ordinário denominada Latina? b) Que conjunto sociologicamente homogêneo forma no plano sócio-cultural, para poder ser toda ela considerada latina, além de geograficamente e, também sociologicamente americana nas situações dentro das quais se vem desenvolvendo no tempo tanto quanto no espaço sua latinidade?